

A idéia de patrimônio e a abordagem espacial: uma nova ruptura cultural?

Anat FALBEL *

* Dra. Anat Falbel , (FAUUSP, 2003) IFCH/UNICAMP

Rua Saldanha da Gama, 268, Alto da Lapa

São Paulo, São Paulo, Brasil, 05081-000

anatfalbel@uol.com.br

Resumo

O presente texto propõe o exercício do caráter interdisciplinar da abordagem espacial sobre a análise do conceito de patrimônio nacional a partir da construção historiográfica proposta por Lucio Costa para a arquitetura brasileira, sugerindo o seu potencial teórico analítico no enfrentamento das questões da contemporaneidade.

Palavras-Chave: Arquitetura Moderna, Lucio Costa, George Kubler, Robert Chester Smith, abordagem espacial

A metáfora proposta por Walter Benjamin a partir da figura do anjo da história representa as reavaliações da idéia de um tempo da história capaz de atravessar o espaço seguindo uma direção única e pré-estabelecida assim como foram propostas pelas vanguardas modernas em seu élan pela independência do passado e da tradição. Paralelamente às essas reavaliações do tempo histórico também se multiplicaram no pensamento e na cultura moderna as referências espaciais reconhecidas e identificadas na contemporaneidade como uma nova “perspectiva espacial”. O presente texto propõe o exercício do caráter interdisciplinar da abordagem espacial sobre a análise do conceito de patrimônio nacional a partir da construção historiográfica proposta por Lucio Costa para a arquitetura brasileira, sugerindo o seu potencial teórico analítico nas questões da contemporaneidade.

Efetivamente, se, conforme escreveu o filósofo Gottfried Leibnitz, “ao contrario do tempo que é uma ordem de sucessões, o espaço é uma ordem de coexistências”, o espaço se justifica como um instrumental analítico pelo seu duplo significado: mobilidade e encontro, este último entendido de forma dialógica, ou a possibilidade de comunicação entre civilizações assim como foi sugerido por Karl Jaspers. Em nossa análise o conceito de espaço será operado a partir de três abordagens distintas:

A primeira, diz respeito à posição e ao contexto no interior do qual a construção historiográfica foi desenvolvida, ou seja, a posição ocupada pelo seu principal propositor, o arquiteto Lucio Costa, sob o pano de fundo da efervescência cultural e o viés autoritário, nacionalista e populista que marcou a cultura brasileira durante o Estado Novo.

A segunda abordagem tem como referência o campo da geografia cultural, e busca analisar o modo pelo qual o historiador compreendeu o conceito de história e operou as idéias de transferências, trocas, e diálogos, seja no espaço cultural contemporâneo seja entre o passado e o presente histórico. Nesse contexto, os compromissos de Costa com a asserção de uma identidade nacional, emergem no confronto com as elaborações de caráter supra-nacional dos americanos George Kubler e Robert Chester Smith - seus contemporâneos nos estudos da arte e da arquitetura colonial latino americanas – elaborações essas permeadas pelo humanismo europeu que alcançou a América junto a intelectuais exilados durante o período do entre guerras.

A terceira e última abordagem introduz a noção de diálogo cultural, conforme com a tradição das formulações teórico espaciais de Georg Simmel e Martin Buber .

A importância epistemológica do espaço ocupado pelo historiador no entendimento de sua construção historiográfica é amplamente reconhecida. No caso de Lucio Costa, a importância do jogo entre tradição e modernidade na construção de uma narrativa nacional foi compreendida desde cedo pelo arquiteto, que em um dos últimos escritos assim descreveu o seu papel no quadro da arquitetura moderna brasileira:

“...Niemeyer... arquiteto artista... o criador, João ... Filgueiras Lima...o construtor. E eu, Lucio ...Costa –... sou.. o vínculo com o nosso passado, o lastro, - a tradição.” Engajado desde a década de 1930 junto a elite intelectual que definiu a perspectiva cultural do Estado Novo, bem como na criação do SPHAN, a sua elaboração historiográfica carregava o duplo significado da representação da identidade nacional e a asserção do processo de modernização do país. Nesse sentido, também por conta de suas filiações intelectuais a sua narrativa pode ser comparada às construções da história da arte que desde o século 19 buscaram registrar a emergência da consciência nacional a partir dos seus reflexos nas formas culturais.

Contra o pano de fundo da representação universalista das vanguardas que buscavam a ruptura das fronteiras nacionais durante o entre-guerras, a segunda chave analítica proposta utiliza o conceito de “etnicidade fictícia” de Etienne Balibar para examinar o constructo espacialmente auto centrado de Lucio Costa. Nossa hipótese sugere que a estratégia do arquiteto para revelar “o verdadeiro espírito, o caráter, ou, o alma nacional” no espaço das artes e da arquitetura definiu-se a partir da “etnicidade fictícia” que se manifesta em duas frentes, ou seja, como expressão da raça e da linguagem.

Efetivamente, no que diz respeito à questão da raça Lucio Costa entendeu o povo brasileiro como uma unidade autônoma, nacionalizando, ou etnicizando, a base original formada pelo elemento português, africano e nativo e sugerindo que esta comunidade natural manteve sua continuidade e peculiaridade apesar das levas imigratórias européias, e orientais contemporâneas. No que diz respeito à linguagem, o arquiteto historiador buscou a mesma continuidade em uma investigação das origens da arquitetura nacional, a procura de um elemento imutável, responsável pela coerência histórica. Para ele, a “legítima” linguagem brasileira surgiu pelas mãos dos primeiros colonizadores portugueses durante o período colonial. O argumento é ambíguo, mas continuamente reiterado: a produção arquitetônica na colônia não é imitação dos trabalhos da metrópole, ao contrário, é tão *“legítima quanto as de lá, porque o colono, par droit de conquête, estava em sua casa...da mesma forma que ao falar português não imitava ninguém, mas falava com sotaque ou não, a própria língua...”*

Portanto, conforme com as formulações de intelectuais brasileiros como Silvio Romero, Oliveira Viana, Gilberto Freire, ou Sergio Buarque de Holanda a respeito da dimensão portuguesa brasileira das origens coloniais, para Costa a cultura arquitetônica portuguesa – e particularmente a linguagem vernacular, constituía a primeira e única

fonte da arquitetura brasileira. Por outro lado, e não por acaso, ele observou a emergência de um caráter nacional durante a segunda metade do século 18, em Minas Gerais, de onde foram irradiadas as primeiras idéias de independência da colônia.

Desse modo, Lucio Costa constrói a sua narrativa a partir de uma etnicidade fictícia, no interior da qual a moderna linguagem nacional será justificada na relação figural com arquitetura colonial e suas raízes vernáculas, ao mesmo tempo em que as dissonâncias – representadas não somente por outras fontes culturais, mas especialmente pelas obras de outros nacionais, arquitetos estrangeiros e imigrantes – com exceção de Le Corbusier – são excluídas conforme a mesma relação figural traçada entre as personalidades de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, entendido como figura de Oscar Niemeyer. Nesse contexto o projeto historiográfico de Lucio Costa estabelece um espaço fechado caracterizado pelo mesmo modelo mono nacional do espaço nação do século 19.

Ao contrário de Lucio Costa comprometido com o desenvolvimento de uma cultura nacional, as formulações dos historiadores americanos George Kubler e Robert Chester Smith emergem de um espaço cultural outro. Se a escolha temática de ambos os historiadores poderia ser justificada eventualmente pela emergência de um novo pan-americanismo entre as décadas 1920 e 1930, assim como pelas trocas culturais promovidas pela “política da boa vizinhança” durante a 2GG, a perspectiva cultural se deve particularmente à sua formação no ambiente maturado pela idéia do pluralismo cultural no interior da democracia pluralista americana, contra a metáfora do *melting pot*.

A atmosfera humanista que envolveu o *establishment* da história da arte nos Estados Unidos particularmente após a chegada dos historiadores exilados europeus transparece nos depoimentos fornecidos por dois professores incidentes na formação de Kubler. O primeiro Erwin Panofsky escreveu que a América possibilitava aos historiadores *olhar para o passado sem a distorção do viés nacional ou regional*, enquanto que o segundo Henri Focillon descrevia a cidade de Nova York como “*uma nova Sidon cosmopolita, espalhando-se por todas as dimensões espaciais possíveis através do pensamento, consciente das suas vigorosas diversidades e profundas permanências*”.

Tanto Kubler como Chester Smith identificaram a problemática operativa de uma configuração cultural espacialmente limitada e invariável assim como proposto por Lucio Costa em sua matriz luso brasileira. Ambos apontaram os intensos movimentos culturais transatlânticos que ultrapassaram a península Ibérica durante os tempos coloniais, os processos de disseminação da forma no espaço e no tempo; e a problemática das fronteiras e interfaces, que os historiadores trataram seja como planos de inovação através da experimentação, como planos de interações culturais onde se entremeavam tradições locais e estrangeiras, ou ainda pontos de inflexão na história,

onde mudanças de forma e conteúdo significavam mudanças fundamentais no modo como o passado era reconhecido e avaliado.

Em 1936, durante a efervescência nacionalista do entre guerras, e antes mesmo da consolidação da narrativa de Costa, Chester Smith já sugeria uma perspectiva historiográfica mais ampla para os estudos da arquitetura e da arte colonial no Brasil e em Portugal através de seu artigo “*João Frederico Ludovice an Eighteenth Century Architect in Portugal*”, onde reconhecia o estilo híbrido e a influência da tríplice mudança de ambientes do arquiteto responsável pelo projeto do convento e palácio de Mafra, cujo verdadeiro nome era Johann Friederich Ludwig, arquiteto nascido na Alemanha, educado na Itália, e cuja obra portuguesa havia servido de referencia às obras da igreja na colônia.

Ainda na década de 1960 Kubler, apontava a limitação das representações da península e da America latina operadas pelos historiadores ibéricos e latino americanos como configurações culturais imperiais e imutáveis, devendo menos ao restante da Europa que às forças indígenas e autônomas de auto realização, por vezes designadas como “invariâncias” ou *alma latina*. Para o historiador americano, a idéia de invariância “...inibia qualquer análise histórica mais exata das derivações das formas...”, e nesse sentido o “antigo aluno de Henri Focillon”, considerava que o trabalho de restaurar os impérios à sua exata condição como parte da história européia era uma tarefa urgente, particularmente no caso da arquitetura latino americana, que mesmo bem catalogada fora omissa em relação às suas dívidas para com o restante da Europa.

A abordagem espacial de Kubler e Smith no que diz respeito aos estudos latino americanos pode ser identificada na perspectiva humanista mais ampla de Focillon, para quem a história constituía um feixe de forças ativas triplo, composto de tradições, influências e experimentações. E assim como o constante fluxo nas rotas de comércio e peregrinação durante a Idade Média foi responsável, conforme Focillon, pelos encontros e cruzamentos de culturas distantes no tempo e no espaço, bem como pela transformação e o enriquecimento do conteúdo humano do homem europeu, para Kubler, o período colonial iniciado pelas invasões estrangeiras, e o desmantelamento dos antigos povos e nações americanas, foi caracterizado por movimentos culturais transatlânticos intensos que por sua vez ultrapassaram a península ibérica, formulação comprovada pelas pesquisas das últimas décadas.

Em particular, o olhar de Smith e Kubler foi beneficiado pela tradição alemã que desembarcou nas costas americanas com os intelectuais imigrantes do entre guerras, representando uma longa genealogia de historiadores da arte de Riegl a Wöfflin, Warburg, Dvorak e Panofsky interagindo com historiadores e filósofos como Hegel, Burckhardt, Dilthey, Cassirer e Collingwood, que por sua vez a partir de uma visão contextualista entenderam a obra de arte como uma entidade relacional, ou seja, datada, com uma incidência histórica, um criador e sua biografia – uma trajetória pessoal – com

suas próprias intenções estéticas, e para os quais o lugar cultural, as interferências na intenção criativa, bem como a posição da obra em uma determinada tradição não eram irrelevantes, mas faziam parte da própria obra, e portanto, eram avaliados como ferramentas historiográficas.

Em 1923 Abby Warburg retomou suas notas e reflexões sobre a sua jornada americana entre os índios Hopi, em 1895 e 1896, sugerindo conexões entre culturas distintas no tempo e no espaço, desde a Renascença Florentina, à reforma alemã, e a cultura ocidental contemporânea.

Do mesmo modo, em 1927, Panofsky operava os conceitos de tempo histórico (cultural) e espaço histórico como unidades de significado, ou ‘quadros de referência’, combinados em sistemas relacionais, no interior, e entre os quais se estabeleciam conexões dinâmicas - influência e recepção, estímulo e resposta, tradição e inovação – em um amplo espaço significativo que compreendia o domínio cultural e físico conforme escreveu:

“... Cada fenômeno histórico deve necessariamente pertencer à múltiplos quadros de referência... Por conta de suas trajetórias individuais... pelos contatos com artistas itinerantes ou outras obras de arte... os seres humanos que o criaram... penetraram em novas esferas de influência... portanto cada uma de suas criações... representa a intersecção de numerosos quadros de referência que se confrontam uns aos outros como produtos de distintos espaços e tempos, e cuja interação em cada instante leva à um resultado único...”

Essa imagem de um espaço intermédio definido por Panofsky como o lugar da intersecção entre diversos quadros de referência que se confrontam uns aos outros sugere nossa terceira e última abordagem espacial da problemática historiográfica: – o conceito de “in-between” assim como foi desenvolvido no início do século 20 nos escritos de Georg Simmel e Martin Buber. Desde o seu ensaio seminal sobre o estrangeiro, datado de 1908, Simmel vinha fazendo uso da forma espacial em suas análises culturais, assinalando a *objetividade* do estrangeiro que permitia ao indivíduo não somente “importar qualidades” para o interior do espaço como avaliar suas condições com menos preconceitos a partir de ideais mais gerais e objetivos. E se a metáfora da ponte constituía o “símbolo da extensão da esfera de nossa vontade sobre o espaço”, a metáfora da porta representava em termos culturais “a possibilidade da troca permanente” Traduzido e publicado em 1921 nos Estados Unidos, o primeiro ensaio de Simmel teve um impacto considerável nos estudos sociais e urbanos na primeiras décadas do século 20.

Por sua vez o conceito de “in-between” desenvolvido por Martin Buber estende o significado da reciprocidade funcional entre indivíduos no espaço, tornando-se

instrumental na revisão do viés historiográfico mono nacional a partir da idéia do encontro ou do diálogo que pode absorver as dissonâncias entre o nacional e os outros nacionais.

Em 1995, Marjorie Perloff analisou a velha literatura comparada a partir das literaturas nacionais, sugerindo a necessidade de novas abordagens espaciais. Para Perloff as migrações, emigrações e exílios haviam transformado as literaturas nacionais de entidades mono nacionais em combinações de extratos e sedimentos nos quais elementos lingüísticos “outros” não mais podiam ser isolados. A intuição de Perloff pode ser representada pela dolorosa confissão “espacial” do filósofo Jacques Derrida: *“meu monolinguismo ocupa um espaço que chamo a minha morada ... essa língua jamais será minha...[como] jamais o foi...”*

Mesmo que atormentada, ao reconhecer as diferenças a assertiva de Derrida carrega a promessa da unicidade, assim como indicava Simmel no início do século 20 ao escrever *“ ...a possibilidade de a qualquer momento passar da condição ... limitada para a liberdade...”*

Na era do multiculturalismo, quando somos levados a descobrir as *“porosidades nacionais, o hibridismo, as diferenças, as dissoluções e os espaços intersticiais”* assim como formulado por Homi K. Bhabha e outros críticos afins, o conceito de espaço comparece como um instrumento teórico analítico de peso na análise do patrimônio contemporâneo mesmo se efetivamente possamos questionar a sua presente introdução como uma nova episteme ou ruptura intelectual.

Referências:

- Abbagnano, Nicola *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Axelrod, Charles David *Studies in Intellectual Breakthrough: Freud, Simmel, Buber*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1979
- Bhabha, Homi K. “Dissemination: time, narrative, and the margins of the modern nation”, in *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.
- Bailey, Gauvin Alexander *Art on the Jesuit Missions in Asia and Latin America 1542-1773*. Toronto: University of Toronto Press, 2001.
- Bailey Gauvin Alexander “Asia in the Arts of Colonial Latin America”, in *The Arts in Latin America 1492-1820* Joseph J Rishel, Suzanne Stratton-Pruitt. Philadelphia: Philadelphia Museum of Art/Yale University Press, 2006, p.57-69.
- Balibar, Étienne “The nation Form: History and Ideology”, in *Race, Nation, Class: ambiguous identities*, Étienne Balibar; Immanuel Maurice Wallerstein, edit., London: Verso, 1991.
- Bastos, Elide Rugai “Gilberto Freire. Casa – Grande & Senzala”, in *Introdução ao Brasil. Um Banquete no Tropicó*, Lourenço Dantas Mota, Edit., São Paulo: Editora Senac, 1999.
- Benoist, Jocelyn; Merlini, Fabio “Spatialiser, Historiciser”, in *Historicité et spatialité. Le problem de l'espace dans la pensée contemporaine*. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 2001.
- Buber, Martin *Dialogue in Between Man and Man*. London: Routledge, 2002, p. 22-38.
- Bueno, Beatriz Piccolotto Siqueira *Desenho e Desígnio. O Brasil dos Engenheiros Militares (1500-1822)*. Tese de Doutorado FAUUSP, 2001.
- Campbell, Malcom “Robert Chester Smith and the University of Pennsylvania” in *Robert C. Smith Research in History of Art*, Dalton Sala, edit. Lisbon: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.
- Derrida, Jacques *O monolinguismo do outro ou a Prótese de Origem*: Porto: Campo das Letras-Editores, S.A., 2001

Candido, Antonio org. *Silvio Romero Teoria, crítica e história literária*. LTC/EDUSP, 1978

Candido, Antonio, org. *Sergio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998

Costa, Lucio, *Lucio Costa Registro de uma Vivência*. São Paulo: Editora UnB/ Empresa das Artes, 1995.

Costa, Lucio *Lúcio Costa: Sobre Arquitetura*. Alberto Xavier, org. Porto Alegre: Editora UniRitter.

Costa, Lucio “A arquitetura dos Jesuitas no Brasil” in *Arquitetura Religiosa. Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. São Paulo: MC/FAUUSP/IPHAN, p.91.

Espagne, Michel *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999.

Falbel, Anat “Arquitetos imigrantes no Brasil uma questão historiográfica”. Anais 6 DOCOMOMO arquitetura e urbanismo. Niteroi, Universidade Federal Fluminense, p. 1-20. <http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Anat%20Falbel.pdf>.

Falbel, Anat “Immigrant Architects in Brazil. A Historiographical Issue”. *DOCOMOMO Journal*, Paris, v. 34, p. 58-65.

Focillon, Henri *The life of forms*. Nova York: Zone Books, 1992.

Focillon, Henri *The Art of the West I Romanesque Art*. London: Phaidon Press, 1963

Kallen, Horace M. *Culture and Democracy in the United States*. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.

Kaufmann, Thomas DaCosta *Towards a Geography of Art*. Chicago: The University of Chicago, 2004, p.219-238.

Konvitz, Milton R. “Horace Meyer Kallen (1882-1972) In Praise of Hyphenation and Orchestration”, in *The Legacy of Horace M Kallen*, edit; Milton R Konvitz. New York: Herzl Press, 1987.

Kruft, Hanno-Walter “The Theory of fortification” in *A History of Architectural Theory. From Vitruvius to the Present*. Princeton: Princeton Architectural Press, 1994.

Freyre, Gilberto de Mello *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Jose Olympio, 1978.

Freyre, Gilberto “Brazilian National Character in the Twentieth Century”, in *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 370, National Character in the Perspective of the Social Sciences (mar. , 1967), p. 57-62.

Harrington, Mona Loyalties: “Dual and Divided” in *The Politics of Ethnicity*, Waltzer, Michael; Kantowicz, Edward T.; Higham, John; Harrington, Mona, ed. Cambridge: Harvard College, 1982.

Hitchcock, Henry-Russell; Johnson, Philip *Le Style international*. Marselha: Éditions Parenthèses, 2001.

Holanda, Sergio Buarque de *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Kaufmann, Thomas DAcosta *Towards Geography of Art*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004

Kubler, George *Studies in Ancient American and European Art. The collected Essays of George Kubler*, Thomas F. Reese, edit. New Haven: Yale University Press, 1985.

Kubler, George *The Shape of Time*. New Haven: Yale University Press, 2008.

Kubler, George “Architectural Historians before the Fact”, in *The Architectural Historian in America*, Elisabeth Blair MacDougall, edit. Washington: University Press of New England, 1990, p. 191 -197.

Landauer, Carl “‘Mimesis’ and Erich Auerbach’s Self-Mythologizing” in *German Studies Review*, vol.11, n.1 (fev., 1988).

Leal, Ernesto Castro A idéia de Confederação Luso-Brasileira nas primeiras décadas do século XX. In <http://lagosdarepublica.wikidot.com/a-ideia-de-confederacao-luso-brasileira-nas-primeiras-decada>.

Levi, Albert William “Kunstgeschichte als Geistesgeschichte: The lesson of Panofsky” in *Journal of Aesthetic Education*, vol.20, n.4, 1986, p. 70-83.

Ligtelijn, Vincent, Ed. *Aldo van Eyck works*. Basel: Birkhäuser Publishers, 1999.

McLemore. S.Dale “Simmel’s ‘Stranger’; A Critique of the Concept”, in *The Pacific Sociological Review*, 13, 2, 1970, p. 86-94.

Michels, Karen “Transfer and Transformation: the German Period in American Art History”, in *Exiles + Emigrés. The Flight of European Artists from Hitler*, Stephanie Barron. Los Angeles County Museum of Art/ Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 1997, p. 304-316.

Olin, Margaret “From Bezal’lel to Max Lieberman. Jewish Art in Nineteenth- Century Art-Historical Texts”, in *Jewish Identity in Modern Art History*, Catherine M. Soussloff, edit. Berkley: University of California Press, 1999.

Olin, Margaret “‘Jewish Christians’ and ‘Early Christian’ Synagogues. The Discovery at Dura-Europos and its Aftermath” in *The Nation without Art. Examining Modern Discourses on Jewish Art*, Lincoln: University of Nebraska Press, 2001, p.137-139.

Oliveira, Myriam Andrade Ribeiro de *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Panofsky, Erwin “Three Decades of Art History in the United States. Impressions of a Transplanted European”, in *Meaning in the Visual Arts*. New York: Doubleday anchor Books, 1955, p. 321-346.

Panofsky, Erwin “Reflexions on Historical Time”, in *Critical Inquiry*, v.30, n.4, summer 2004.

Parker, Kevin “Art History and exile: Richard Krautheimer and Erwin Panofsky”, in *Exiles+ Emigrés. The flight of European Artists from Hitler*, Stephanie Barron, ed., Nova York: Los Angeles County Museum of Art/Harry N Abrams, Inc Publishers, 1997, p. 317-325.

Perloff, Marjorie “The Old Mononationalism and the New Comparative Literature” in *World Literature Today*. Vol. 69, 2, 1995.

Ratner, Sidney “Horace M. Kallen and Cultural Pluralism” in *The Legacy of Horace M. Kallen*, Milton R. Konvitz, edit. New York: Herzl Press Publication, 1987, p.48-63

Reis, Nestor Goulart *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den *Team 10 1953-81. In Search of a Utopia of the present*. Rotterdam: NAI Publishers, 2005

Romero, Silvio “Literatura y nacionalismo” in *Ensayos Literarios*, Antonio Candido, Ed. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1982.

Russell-Wood, A. J. R. Robert Chester Smith research scholar and historian, in *Robert C. Smith Research in History of Art*, Dalton Sala, edit. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.

Sallum Jr, Brasílio “Sergio Buarque de Holanda Raízes do Brasil”, in *Introdução ao Brasil. Um Banquete no Tropicó*, Lourenço Dantas Mota, Edit., São Paulo: Editora Senac, 1999, p. 239 -248.

Santos, Reinaldo dos *Oito séculos de arte portuguesa, história e espírito*. Lisbon: Notícias, 1966.

Scheider, Alberto Luiz *Sílvio Romero Hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005

Schwarzer Mitchell *German Architectural Theory and the Search for Modern Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Simmel, Georg “The Stranger” in *The Sociology of Georg Simmel*. Kurt H Wolff , edit. New York: The Free Press, 1964.

Simmel, Georg “Bridge and Door”, in *Rethinking Architecture. A reader in cultural theory*, Neil Leach, ed. London: Routledge, 1997.

Simmel, Georg “The Stranger”, in *Introduction to the Science of Sociology*, Robert E. Park, Ernst W. Burgess, ed.. Chicago: The University of Chicago Press, 1921, p.322-327

Smith, Robert Chester “O codice do Frei Cristovão de Lisboa” in *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 5, 1941, p. 118-123.

Smith Jr, Robert C. “João Frederico Ludovice an Eighteenth Century Architect in Portugal”, in *The Art Bulletin*, v.18, n.3 (sep., 1936), p. 273-370.

Smith, Robert C. “Jesuit Buildings in Brasil”, in *The Art Bulletin*, vol. 30, n. 3 (sep., 1948), p. 187-213.

Smith, Robert C. *The Art of Portugal 1500-1800*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1968.

Strauven, Francis Aldo van Eyck. *The Shape of Relativity*. Amsterdam: Architectura & Natura, 1998.

Toledo, Benedito Lima de *O Real Corpo de Engenheiros na Capitania de São Paulo*. São Paulo, 1981

Viana, José Francisco Oliveira *Populações meridionais do Brasil: história, organização, psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Jose Olympio, 1952.

Vidler, Anthony “Spatial Estrangement in Georg Simmel and Siegfried Krakcaur”, in *New German Critique*, n.54 Special Issue on Siegfried Kracauer, 1991, p. 31-45.

Warburg, Abby *Images from the region of the Pueblo Indians of North America*. Michael P Steinberg, trad. Ithaca: Cornell University Press, 1995.

Wohl, Helmut “Robert Chester Smith and the Art in the United States” in *Robert C. Smith Research in History of Art*, Dalton Sala, edit. Lisbon: Fundação Calouste Gulbekian, 2000, p.17-29.

Wirth, Louis *The Ghetto*. Chicago: The University of Chicago Press,

9º seminário docomomo brasil
interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente
brasil . junho de 2011 . www.docomomobsb.org